

PREFÁCIO

Aceitei este convite com uma sensação que mistura honra e estranheza. A boa estranheza de quem, vindo da área de administração, é chamado a prefaciá-lo um livro de enfermagem sobre saúde materno-infantil indígena. À primeira vista, trata-se de mundos distintos: de um lado, a gestão, a estratégia, os arranjos organizacionais; de outro, o cuidado, o corpo, o nascer, o alimentar. Mas foi justamente na prática e na minha pesquisa sobre tecnologias sociais - um campo que articula saberes ancestrais e científicos, inovação sociotécnica, protagonismo local e transformação coletiva -, que aprendi que problemas complexos não pedem fronteiras; mas sobretudo encontros e integração.

O livro *“Caminhos de Integração: Diálogos com os povos originários”* revela um processo coletivo de construção e alinhamento entre pesquisadores, estudantes, lideranças e profissionais comprometidos com a saúde indígena, trazendo à tona vozes que ecoam da academia às aldeias e dos bastidores às lutas cotidianas. Mais do que um registro de diálogos, a obra apresenta relatos de trajetórias e reflexões sobre a defesa de direitos e políticas públicas, evidenciando o protagonismo indígena na formulação e implementação de ações em saúde e na integração entre saberes tradicionais e a medicina convencional.

Diversos artigos abordam a saúde física e mental das mulheres indígenas no ciclo gravídico-puerperal, destacando a necessidade de abordagens interculturais e culturalmente sensíveis. Essas abordagens devem respeitar e valorizar as práticas e crenças singulares de cada povo, contribuindo para a construção de pesquisas e políticas de saúde mais eficazes e que promovam o bem-estar dessas populações.

A título ilustrativo, destacam-se reflexões sobre a participação paterna no ciclo gravídico-puerperal das mulheres indígenas e sobre

abordagens de saúde que conciliam saberes culturais e científicos; diálogos com lideranças que propõem a superação da visão biomédica hegemônica; iniciativas de letramento em saúde voltadas ao empoderamento feminino; pesquisas no Amazonas que valorizam a medicina tradicional e inspiram políticas culturalmente sensíveis; e experiências de mobilidade acadêmica, como o “Mestrado Sanduíche” no Canadá, que ampliam horizontes e fortalecem práticas avançadas de enfermagem intercultural.

Ao longo dos capítulos, a obra traduz com precisão o que eu chamaria de arranjo sociotécnico emancipador: 1) o respeitar e valorizar as parteiras, as cosmologias e as especificidades socioculturais e espirituais das mulheres; 2) a luta pela garantia do letramento em saúde em línguas e formatos acessíveis e; 3) o humanizar o atendimento e a abordagem, sem apagar ontologias e epistemologias que foram, ao longo da história, injustamente silenciadas.

As tecnologias sociais nos lembram que “tecnologia” além de ser um artefato, é também um método, um rito ou mesmo uma organização do trabalho em saúde. Sua intenção é desenvolver a capacidade de compor mundos sem hierarquizá-los. O livro “Caminhos de Integração: Diálogos com os povos originários” abre portas e possibilita encontros nesse sentido. Denota-se um processo que busca a colaboração e a troca de experiências entre indígenas e não indígenas, como governos, cientistas e a sociedade em geral, visando ao respeito, à valorização da diversidade cultural e à construção de soluções para desafios globais.

Esse caminho ainda está no início, mas já observamos que essa obra apresenta aprendizados, construções, aproximações e reconstruções teórico-práticas muito inspiradoras. Aqui, a enfermagem toma a palavra com as comunidades (e não *sobre* elas) e mostra que medir não significa subjugar ou subtrair o que se mede. Ao contrário, nos deleitamos ao ver que protocolos podem sentar-se ao lado de memórias e rezas, e que a *inovação*, muitas vezes, é somente um nome urbano que ilustra o que os povos tradicionais sempre fizeram...

Volto, então, à estranheza inicial: hoje, ela me parece menos deslocamento e mais encaixe. Se a enfermagem, nestas páginas, ensina a

repensar a gestão sob o aspecto do cuidar, a gestão pode ajudar a sustentar esse cuidado garantindo recursos, alianças intersetoriais, avaliações que respeitem contextos e dispositivos institucionais que protejam o tempo do bebê, da mãe e da aldeia. Esses diálogos são fundamentais para garantir o protagonismo indígena, a defesa de seus direitos territoriais e culturais, e a preservação da biodiversidade. É nessa convergência que vejo a potência de uma abordagem verdadeiramente interdisciplinar para desafios complexos: abrir outros futuros possíveis mais justos, plurais e humanos.

Prof. Dr. Fábio Prado Saldanha
Économie et innovation sociale
Université de l'Ontario français, Toronto, Canadá